



Registros da memória

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

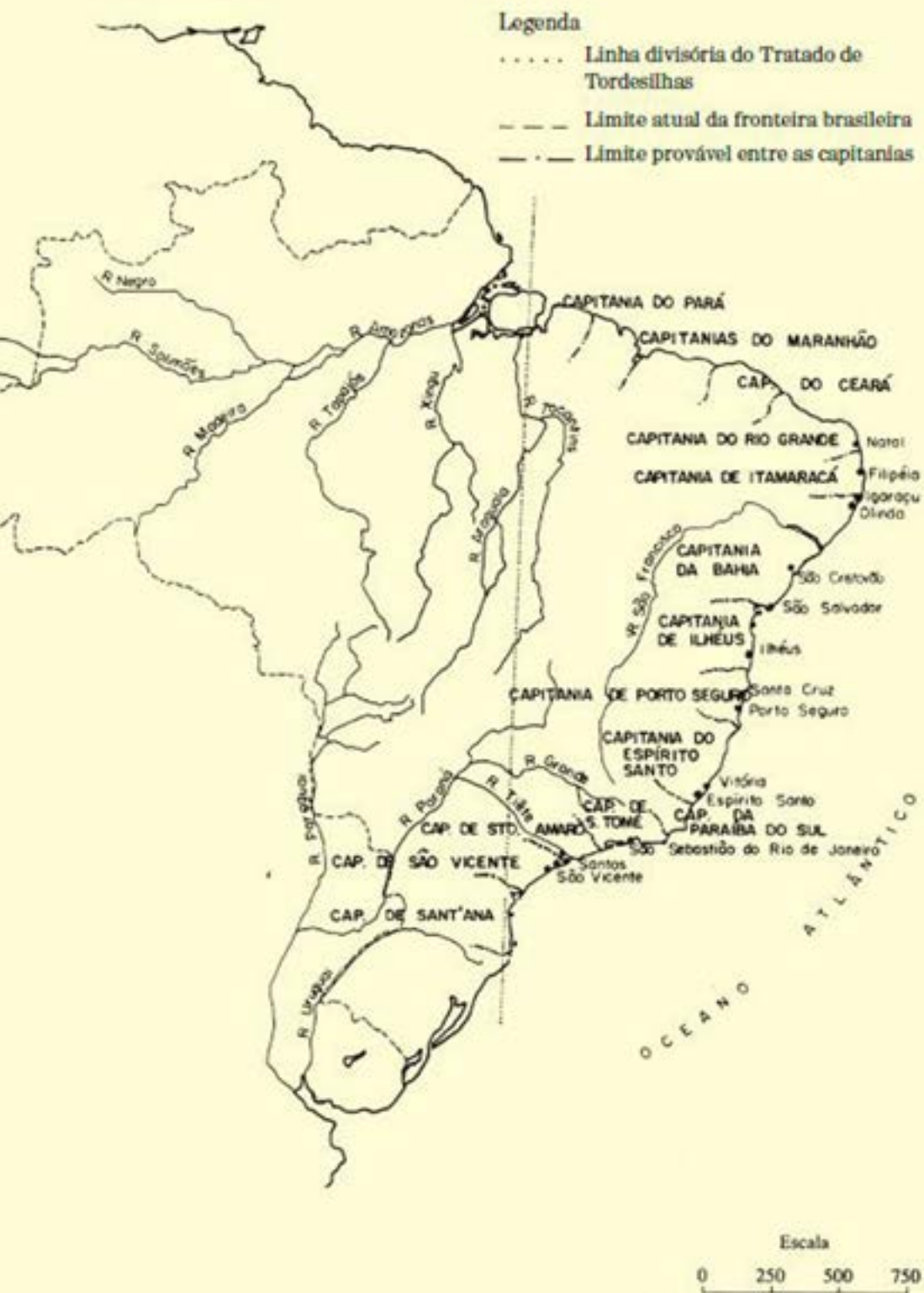
Bruna Rafaela de Souza Lobo

Habilitação: Desenho

Orientadora: Camila Rodrigues Moreira Cruz

Belo Horizonte - MG

Dezembro 2023



Agradecimentos

Primeiramente agradeço ao Álvaro, meu companheiro que ao longo dos nossos 16 anos, me incentivou, me apoiou e me deu todo suporte quando mais precisei, principalmente quando tivemos nossa filha Elis, em meio aos estudos e pandemia. Obrigada meu amor por acreditar em mim sempre. A nossa filha eu dedico todo meu trabalho.

Agradeço aqueles que ao longo dessa caminhada de alguma forma fizeram parte, meus colegas de classe e aos que por um momento passaram e deixaram um pouco de si em mim.

Aos professores meus mais sinceros agradecimentos, por acreditar nas minhas habilidades e manualidades, pelo incentivo, por sempre conseguir enxergar o que muitos não conseguiram. Obrigada pelo carinho, compreensão, ensinamentos e por conseguirem extrair de mim o que eu conseguia expor.

A vocês, Camila Moreira, Eliana Ambrosio, George Gutlich, Andréa Vilela, obrigada pela confiança e persistência.

Sumário

6	Apresentação
9	Carte de Visite
28	Pertencimento
46	Exício
56	Memórias
65	Considerações finais
66	Referências Bibliográficas

Lista de imagens

3 Território brasileiro e povoamento.

Carte de Visite

- 7,10,18 e 19 Gravura em metal (Ponta Seca), 2019, 6x10,5cm.
11 a 16 Xilogravuras, 2021, 7x14cm.
21 a 24 Gravura em metal (Ponta Seca e Mezzotint) Impressas no gesso, 2021 e 2023, dimensões variadas.
25 Carta de alforria.
27 Lista de africanos com nome, nação e marca 1839.

Pertencimento

- 29 a 35 Datilografias, 2021, 7,5x14cm.
36 a 42 Desenhos (Lápis Dermatográfico), 2021, 7,5x14cm.
45 Carta Pero Vaz de Caminha.

Exício

- 47, 67 e 68 Desenho Lápis Conté, 2021, 30x42cm.
50 a 55 Desenhos (Lápis Dermatográfico), carimbos e costuras, 2021, 15x20,5cm.

Memórias

- 58 a 64 Xilogravuras, 2021, 7x7cm.

Apresentação

Eu não sei sobre o passado dos meus avós. Sobre os avós do meu companheiro, eles não falam muito sobre o passado. Certa vez, o avô dele contou que foi trabalhar numa fazenda e ao mexer em uma parede, encontrou um feto humano num buraco do que seria uma possível senzala. Cito possível porque a história contada não avançou para além dessas informações. É tudo que sei. Porém, essas narrativas sempre fizeram parte das minhas inquietações e pesquisas.

Meus questionamentos com o passado, são uma tentativa em entender porque apagaram a história? Por que de não contam, registram fatos do passado? Alguns dos motivos suspeitamos ser a falta de recursos da época, além a violência sofrida em todas as instâncias pelas vítimas.

Sabe-se que o registro é muito importante para a permanência da memória, seja ela afetiva ou histórica. Quando se descobre uma pintura rupestre, inicia-se um processo de investigação sobre o povo e sua cultura onde ela está inserida. Da mesma forma as narrativas e contextos históricos nos permitem identificar e resguardar as ações do tempo: culturas, tradições e afetos. Quando um povo é violentado e apagado de sua história perde-se toda sua luta e registro.

As singularidades de cada sujeito, suas histórias, narrativas e lutas são importantes. É necessário conhecer o passado para aprendermos com o presente e construirmos um futuro.



A luta da mulher escravizada no Brasil para manter sua identidade foi um desafio constante em meio às duras condições de vida que enfrentavam. Submetidas à opressão e à exploração, essas mulheres tiveram suas famílias desfeitas, sua liberdade negada e suas culturas suprimidas.

Apesar de todas as adversidades, muitas mulheres escravizadas resistiram e se esforçaram para preservar sua identidade. Elas encontraram maneiras de manter suas tradições, idiomas e costumes, mesmo sob o jugo dos senhores de escravos. Através da oralidade, histórias, canções, danças e práticas religiosas, elas conseguiram preservar uma parte essencial de sua cultura ancestral.

Além disso, muitas mulheres escravizadas foram verdadeiras guerreiras ao lutar pela sua dignidade. Mesmo sob o domínio dos seus senhores, elas contestavam as normas impostas, buscando formas de resistência e liberdade. Através de revoltas, fugas, formação de quilombos e alianças com outras comunidades, elas desafiaram o sistema escravista e lutaram por sua emancipação.

A dualidade de ser mulher e escravizada tornava a luta ainda mais árdua, pois essas mulheres enfrentavam não apenas a supremacia masculina, mas também a opressão racial. No entanto, mesmo em meio a essa realidade, algumas mulheres escravizadas se destacaram como líderes e referências para suas comunidades. Elas se tornaram símbolos de resistência e fortaleza, inspirando outras mulheres a não desistir da luta.

É importante lembrar e honrar essas mulheres que, mesmo enfrentando as adversidades e o controle opressor, conseguiram manter viva sua identidade e sua força. Suas histórias nos lembram da resiliência e da capacidade humana de resistir e enfrentar a adversidade.

Hoje, reconhecemos a importância dessas mulheres e sua contribuição para a formação da sociedade brasileira. É essencial valorizar e enaltecer suas lutas, compreendendo que a preservação da identidade é uma forma de afirmação e empoderamento. A mulher escravizada deixou um legado de coragem e resiliência que deve ser resgatado, para que nunca nos esqueçamos da força daqueles que foram privados de liberdade, mas não da sua humanidade.

Carte de Visite

Carte de Visite é uma obra que foi construída após uma visita ao Museu Afro-Brasil em São Paulo no ano de 2018. À partir de um olhar curioso sobre a história do país e das pessoas que aqui viveram e tiveram suas histórias, observou-se culturas e vidas violentamente ceifadas. As fotografias do Alberto Henschel, que estão expostas no museu, foram fotografadas no intuito de trazer pra casa a ideia de transformar aquelas fotografias em gravuras, de modo que essas tivessem uma reprodução maior e alcançasse o maior número de pessoas.

E eu queria essas imagens como memória de que essas pessoas existiram e tiveram uma história de vida.

Esse trabalho foi reproduzido primeiramente em gravura em metal (técnica ponta seca). São oito imagens entre homens e mulheres de dimensões variadas. Há também uma reprodução de seis mulheres em xilogravura, que têm como matriz tacos de piso de demolição. Se levarmos em consideração o material para a xilogravura teremos também um material que teve histórias gravadas pelo tempo de uso em algum edifício de alguma cidade no Brasil. Os tacos utilizados para esses trabalhos foram comprados pela internet, não evidenciando sua origem, fato esse que me interessa, pois os meus trabalhos envolvem histórias e memórias. O nome Carte de Visite veio do tipo de apresentação da imagem fotográfica, patenteado pelo fotógrafo francês chamado André Disdéri em 1854. As seis primeiras imagens produzidas em metal levam quase as mesmas medidas padrões do oficial cartão de visita. As xilogravuras são maiores, mas levam o mesmo formato retrato.





Bruna Lobo
Carte de visite
2021
Xilogravura
14 x 7cm



Bruna Lobo
Carte de visite
2021
Xilogravura
14 x 7cm



Bruna Lobo
Carte de visite
2021
Xilogravura
14 x 7cm



Bruna Lobo
Carte de visite
2021
Xilogravura
14 x 7cm



Bruna Lobo
Carte de visite
2021
Xilogravura
14 x 7cm



Bruna Lobo
Carte de visite
2021
Xilogravura
14 x 7cm

A memória é fundamental para a preservação de uma história. Ela nos permite guardar e reviver experiências, sentimentos, momentos que moldaram nossa trajetória e, conseqüentemente, a história de um lugar, de uma nação ou mesmo de um indivíduo. Através da memória, conseguimos manter viva a memória coletiva, perpetuando ensinamentos, tradições e valores.

No entanto, a memória também pode sofrer com o apagamento. Às vezes, por forças externas, há tentativas de esquecer ou distorcer uma determinada história. Pode ser por interesses políticos, manipulação de informações ou, em alguns casos, devido a traumas e eventos negativos que as pessoas e comunidades preferem suprimir.

Poderíamos falar de um apagamento da história? Quando uma sociedade ou indivíduo perdem a memória, perdem também sua identidade, suas tradições, suas raízes. A cultura, as conquistas, as lutas e até mesmo os erros do passado desaparecem, deixando um vazio que pode ser preenchido por versões distorcidas ou manipuladoras da realidade. Sem a memória, as condições para a repetição de erros se fortalecem.

A falta de consciência histórica abre espaço para a desvalorização de direitos conquistados, a perpetuação de injustiças e a negação de fatos que podem ser fundamentais para evitar a repetição de acontecimentos trágicos. É necessário que haja esforço coletivo para manter viva a memória. Isso pode ser feito através de pesquisas, da preservação de documentos, do registro oral, da valorização de museus e centros de memória, além de uma educação que promova a consciência histórica nas novas gerações.

A memória é uma construção contínua, que precisa ser cuidada e alimentada para que o apagamento não ocorra. É preciso valorizar as histórias individuais e coletivas, dando voz àqueles cujas memórias foram silenciadas e garantindo que a diversidade das narrativas seja respeitada e preservada. A memória e o apagamento de uma história caminham lado a lado, e é nossa responsabilidade manter a memória viva para garantir que a história seja escrita com verdade, justiça e inclusão.





Nas obras a seguir, Carte de visite ganhou um outro lugar nessa obra que ainda está sendo pensada, troquei o suporte comum como o papel pelo gesso, com matrizes de gravura em metal (chapa de cobre).O resultado das imagens além de bem expressivas, me atiram a atenção o apagamento que elas possuem. Tal fato aproxima-se ao apagamento histórico, dos apagamentos das memórias, das imagens e até mesmo o apagamento no viés político.

O processo de criação da impressão no gesso é surpreendente, com peças únicas, umas mais apagadas e outras mais nítidas.



Bruna Lobo
Carte de Visite
2019
Ponta seca | Gesso
29 x 15cm



Bruna Lobo
Carte de Visite
2019
Ponta seca | Gesso
30 x 14cm



Bruna Lobo
Carte de Visite
2019
Ponta seca | Gesso
16 x 11,2cm



Bruna Lobo
Carte de Visite
2023
Mezzotint | Gesso
12,5 x 12,5cm

1865
Rio de Janeiro 18 de Novembro
1866



D. a Princesa de Saxe
Coburgo e Gotha
Palermo

Eu abaixo assinado confiro a liberdade gratuita a minha escrava Christiana Maria de nascença casanga, tendo de idade cinquenta e seis annos mais ou menos, para que a dita escrava possa gozar d'ella como se descripta tem sempre nascido.

E para seu titulo lhe fizem a presente carta de alforria que assigno com as duas testemunhas abaixo tambem firmadas.

Rio de Janeiro 18 de Novembro

1866 - *Al. Ghering*

V. Gonçalo de Figueiredo

Carlos Thomaz

A. de S. e S. de S.
18 de Novembro 1866

Com todos os seus

Al. Ghering

Por resp. de Sr. Lu. Corrêa em 10 de Dezembro de 1866
1866

Apagamento, invisibilidade, resistência, memória e perseguição religiosa são temas intrinsecamente conectados à história do Brasil, especialmente quando falamos sobre o período da escravidão.

Durante séculos, a perseguição religiosa e o apagamento cultural foram ferramentas utilizadas pelo sistema escravagista para subjugar e controlar os africanos trazidos ao país como escravos. As crenças, tradições e rituais trazidos pelos africanos foram proibidos, marginalizando e reprimindo seus praticantes.

Essa perseguição era uma tentativa de apagar a memória e identidade do povo escravizado. Afinal, as crenças e práticas religiosas são parte fundamental de uma cultura. A religião, mais do que um conjunto de rituais, é uma linguagem que expressa a experiência, a resistência e a espiritualidade de um povo.

Apesar de toda a opressão, os africanos e seus descendentes encontraram formas de resistência, preservação da memória e da cultura. Através de práticas secretas e codificadas, conseguiram manter vivas suas tradições e sua conexão com suas raízes. A dança, a música, a oralidade e a religiosidade foram canais de resistência, por meio dos quais puderam se expressar e preservar sua identidade.

No entanto, mesmo com tamanha resistência, o apagamento e a invisibilidade persistem até os dias atuais. O discurso não escrito sobre a história da escravidão no Brasil muitas vezes é negligenciado e omitido em nossos livros de história. Pouco se fala sobre os sofrimentos, as lutas e as conquistas dessas pessoas que foram subjgadas e oprimidas durante séculos.

N. Nomes Nírcão Manus Lugares

Protos

2	Antão Mocumbica		Pito esquerdo
3	Anastácio Dardariano		nas faces
4	Gregório Quilimane		Pito direito
5	Herculano Macua		na testa e
			na barriga
6	Julião Magange		na testa
7	Salvador Macua		na testa e
			Pito direito
8	Milário Inhambano		Pito e barriga
9	Caetano Magange		sem marca
10	Sebastião Gita		no ventre e
			outras Pito
11	Martinho Mocumbica		Guto
12	Policarpo Mucenica		na testa
13	Matheus Michano		Pito direito
14	Martinho Macua		na testa e pito
			direito e
			na barriga
15	Geminiano Ozamba		testa e ventre
16	Odorico Carnungo		Pito direito e
			nos Pitos
17	Theodorico Macua		testa e
			nas faces
18	Romualdo Magange		nos Pitos
19	Micardo Comoroji		Pito direito
20	Salvador Macumbica		sem marca
21	Valentim Macua		na testa e
			nos pitos
22	Teodoro Imano		na testa
23	Caetano Magange		na barriga

Pertencimento

A ideia de pertencimento apresentada nas obras surgiu a partir do pensamento dos apagamentos culturais sob um povo. Pessoas retiradas violentamente de suas histórias particulares e de comunidades, tiveram seus nomes trocados ao longo de toda a história. Pertencimento provoca a pensar que por exemplo, como um número enorme de pessoas foram perdendo seus nomes originários e passaram a ter nomes europeus?

Ainda sob outra provocação, nossos antepassados tiveram nomes completamente diferentes tanto sonoricamente quanto significativamente. O nome conta muita sobre seu povo, sobre sua identidade, sua cultura.

Ao mesmo modo foi o surgimento dos sobrenomes brasileiros, os da Silva, de Souza, de Oliveira, o de como pertencimento (preposição que estabelece uma relação de subordinação, de dependência).

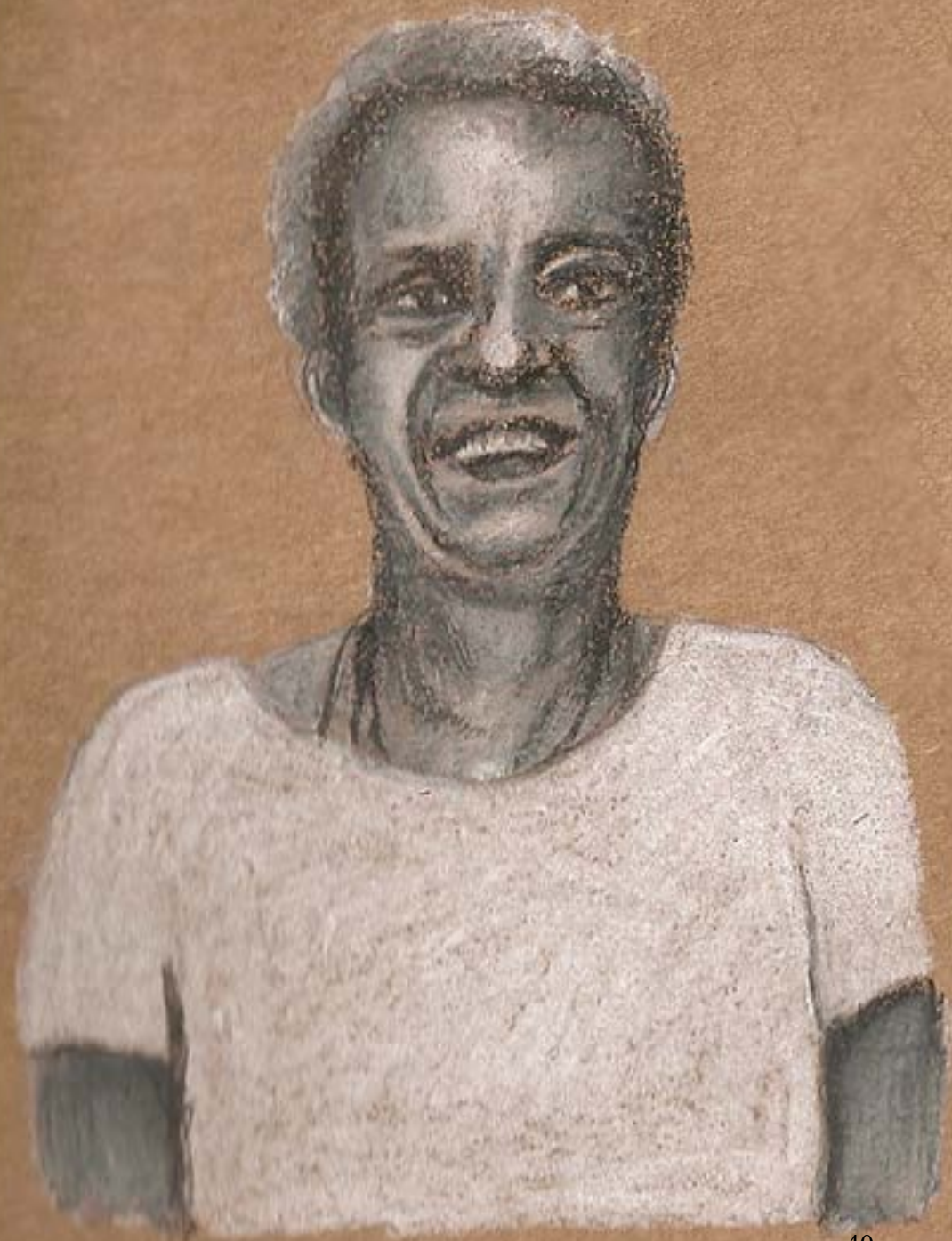
Pertencimento questiona não a quem pertencemos, mas sim a qual comunidade, a qual povo, a qual história pertencemos.

URBI LINI JANA SHARATI
 CHEDBU PAKSAH IZEGBRE
 MEFIDOFAMILAESHE ONI
 NOSINE FOLUKE ANAYA
 KATZA DUMRO RANDA WUB
 LINA ADUKE MBHALI ASABI
 KAJUMBA ONAEDO NTATU
 DZIKO DO SHENA NOSINE
 WANDA TUOMBETOLUCHI IGE
 NIARA THANDIWE UBORO YA
 BINTA IJABA MESI TAJA
 REYKEMI IFE AKYA DANUWA
 GOLTSEMEDIME CHINUE
 YAHMINAH MARIAMA TAJA
 YANA CHIDDEBA MBHALI
 NYELSHA BADU KEREEDITSE
 DZIKO KAMBAMI WUB YA
 JANI ZENABU URBI UDAKO
 BHEKISISA AMARA LULU
 OLWA SEYI TIOMBEKOKRYA
 TEREHASA AGUIDI BUSARA
 BISDEGLIENONINUE
 NILAJA YEJIDE LULU
 BIKILU AMINATA CHALTUU
 CHAUSIKU JAHAH IDOWU
 UCHENNA RUSHA RATIBA
 LLEGATSE KAWERIA HOLA

CECÍLIA ANA
 ROSALIA
 CELESTE BENEDITA
 CLARA
 MARIA
 EVA ROSANGELA
 IRENE
 ANITA AUGUSTA
 MADALENA LENITA
 APARECIDA LETICIA
 RUTE EFIGENIA
 OLIVIA
 VERA ROSALINA
 ISABELA
 CARMEM HELENA
 VIVIANE ELIS
 JULIA
 CRISTIANE SABRINA
 EDUARDA LIA DALILA

CAROLINA ELIS AUGUSTARA
 TEREZINHA
 ISABELA ANA MARILENE
 CATARINA
 ISADORA TAINA CRISTIANE
 ALICIA EDURDALINA
 ANASTACIA
 BERREDA WERE CEESELA
 CARLOTA EUGENIA CELIA
 DEMETRA
 ARLETE TANIA ALBERTA
 ALDA MARTA
 CASSANDRA
 INES JOANA SARA BRUNA
 PATIMA REGINA
 FILIPA MARCELA GLAUCIA
 BEATRIZANA BELOCA
 ROSANGELA FERNANDA LUOTARA
 FRANCISCA BIABEBERERANA
 AMANDA OLGA LAVINIA ANA
 DANIELA CATIA SONIA
 MARIANA CLAUDIA
 MONICA CATARINA
 SANDREGNARLY ELTONERA
 HELOISA RAQUEL
 GIOVANNA SUZANA AURELI
 IRENE CERESIA
 JULIANA ISLDORELLIA
 RAFAELA LIDIANE ISABELA
 VALENTERIS BRUNA
 LUANEA TACIANE TONERICA
 VITOBLEIRANA
 ARIANE GLEICE NATALLIA
 MAGALUENISA
 ROSALIA ROMILDA ANBUELI
 JULIANA MADALENA ERIGENIA
 CEESELA
 MANUELA LOURDES VERA
 CELIA MEMRCELATANA







“Imagine, um dia, estar cercado de seus familiares, amigos e em outro estar em um navio negreiro, totalmente insalubre, com gente de variadas etnias e que não falam a sua língua. Ao desembarcar em terras estranhas, há ainda o trauma da escravização. Estas pessoas tiveram que se refazer, mas este “refazimento” nunca é completo! Sobram as marcas deste processo de adaptação, marcas estas que, muitas vezes, foram também transmitidas aos seus descendentes.”
Rosana Paulino

Sem conhecer nosso passado, é difícil compreender quem somos e como chegamos até aqui. É através da história, seja ela escrita ou oral, que podemos desconstruir nossos preconceitos e enfrentar os desafios atuais.

É nosso dever resgatar, valorizar e dar voz a essa história apagada e invisível. Devemos promover o respeito à diversidade religiosa e cultural, reconhecendo e celebrando as contribuições dos afrodescendentes para a formação da sociedade brasileira.

A memória coletiva é um elemento essencial para a construção da identidade de um povo. Sem conhecer nosso passado, é difícil compreender quem somos e como chegamos até aqui. É através da história, seja ela escrita ou não escrito, que podemos desconstruir nossos preconceitos e enfrentar os desafios atuais.

É nosso dever resgatar, valorizar e dar voz a essa história apagada e invisível. Devemos promover o respeito à diversidade religiosa e cultural, reconhecendo e celebrando as contribuições dos afrodescendentes para a formação da sociedade brasileira.

A superação do apagamento e da invisibilidade está em aprender, ensinar e reconstruir a história, incluindo todas as vozes que foram silenciadas. É necessário fomentar espaços de diálogo e reflexão, onde a memória e a resistência dos povos marginalizados sejam reconhecidas e honradas.

A história do Brasil é resultado da mistura de diferentes culturas, religiões e etnias. Para construir um futuro mais justo e igualitário, é preciso reconhecer e valorizar todas as narrativas, desafiando o discurso dominante e promovendo a inclusão de vozes historicamente oprimidas.



Handwritten text in a cursive script, likely a letter or document, written in a historical language (possibly Portuguese or Spanish). The text is dense and covers most of the page.

“Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença.

E portanto, se os degredados, que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, se hão de fazer cristãos e crer em nossa santa fé, à qual preza a Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade.

E imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho, que lhes quiserem dar. E pois Nosso Senhor, que lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, por aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa.”

Trecho: A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA



Exício

Há algum tempo questiono quem somos, e o quanto somos responsáveis pela saúde mental alheia? Como nossa “maldade” pode afetar o outro, mesmo sem que percebamos. O quanto ações alheias nos afetam verbalmente, fisicamente, mentalmente. A responsabilidade de convívio em sociedade é complexa. Frequentemente, notamos que aquilo que não nos atinge diretamente pode ser ignorado.

Seria o silêncio uma forma de naturalizarmos a perversidão?

Esses questionamentos me fizeram pensar muito sobre meu lugar face a suas histórias, memórias e consequências atuais.

Cheguei ao livro *Holocausto Brasileiro - Vida, Genocídio e 60 Mil Mortes no Maior Hospício do Brasil* - Daniela Arbex, Uma leitura difícil, observando as fotografias feitas na época em que o hospital estava ativo. Logo, decidi que queria fazer para contar um pouco da história daquele lugar.

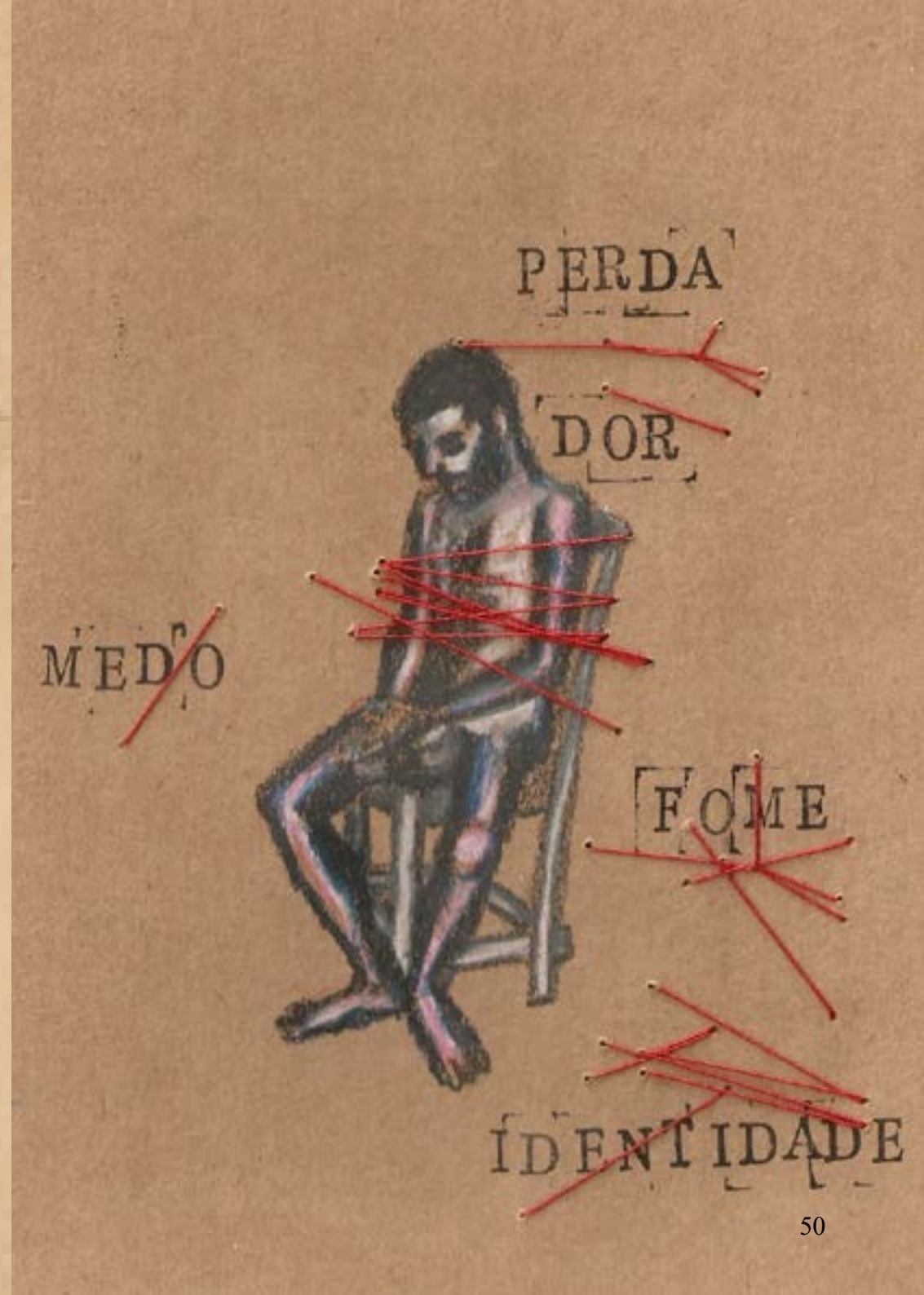
Produzi uma primeira obra que foi pra exposição coletiva intitulada *Partimento*, com o nome “Qual a sua responsabilidade diante da saúde mental alheia?” Com desenhos a carvão e as referências das fotografias do livro, várias palavras digitadas em máquinas de escrever, nasceram sobre o assunto do livro e meus questionamentos.

Comecei a fazer ilustrações dessas imagens com lápis dermatográfico no caderno com costuras vermelhas representando o sangue e a própria violência do apagamento dessas vidas e histórias. Um trabalho que ainda não está finalizado.

“Desde o início do século XX, a falta de critério médico para as internações era rotina no lugar onde se padronizava tudo, inclusive os diagnósticos. Maria de Jesus, brasileira de apenas vinte e três anos, teve o Colônia como destino, em 1911, porque apresentava tristeza como sintoma. Assim como ela, a estimativa é que 70% dos atendidos não sofressem de doença mental. Apenas eram diferentes ou ameaçavam a ordem pública. Por isso, o Colônia tornou-se destino de desafetos, homossexuais, militantes políticos, mães solteiras, alcoolistas, mendigos, negros, pobres, pessoas sem documentos e todos os tipos de indesejados, inclusive os chamados insanos. A teoria eugenista, que sustentava a ideia de limpeza social, fortalecia o hospital e justificava seus abusos. Livrar a sociedade da escória, desfazendo-se dela, de preferência em local que a vista não pudesse alcançar.”

“Em 1930, com a superlotação da unidade, uma história de extermínio começou a ser desenhada. Trinta anos depois, existiam 5 mil pacientes em lugar projetado inicialmente para 200. A substituição de camas por capim foi, então, oficialmente sugerida, pelo chefe do Departamento de Assistência Neuropsiquiátrica de Minas Gerais, José Consenso Filho, como alternativa para o excesso de gente. A intenção era clara: economizar espaço nos pavilhões para caber mais e mais infelizes. O modelo do leito chão deu tão certo, que foi recomendado pelo Poder Público para outros hospitais mineiros em 1959. Somente em 1980, quando os primeiros ventos da reforma psiquiátrica no Brasil começaram a soprar por lá, é que os gemidos do desengano foram sendo substituídos por alguma esperança. Sessenta mil pessoas perderam a vida no Colônia. As cinco décadas mais dramáticas do país fazem parte do período em que a loucura dos chamados normais dizimou, pelo menos, duas gerações de inocentes em 18.250 dias de horror.”

Trechos do livro *Holocausto Brasileiro - Vida, Genocídio e 60 Mil Mortes no Maior Hospício do Brasil* - Daniela Arbex









Memórias

A série memórias é uma obra que foi desenvolvida em xilogravura com tacos de piso, de dimensões de 7x7 cm e narra sobre memórias pessoais. Ainda inquieta com questões do apagamento, todas essas imagens são de memórias da minha infância. Memórias de pessoas que já faleceram e de lugares que já foram demolidos há muitos anos. Também de lugares que eu frequentei enquanto criança e que depois de adulta não tive mais acesso.

As gravuras “Entrada” e “Casa da vó Rita” narram o local onde meus bisavós viveram. Minha bisavó Rita faleceu quando eu tinha cinco anos, então muito provavelmente essa memória tenha sido criada até lá. A gravura o “Pé de romã” era o local onde brincávamos na casa da minha madrinha de batismo. Hoje o local já foi demolido e a árvore arrancada.

“Capela” é memória de um lugar na Escola Estadual Sara Kubistchek, onde estudei entre 1991 e 1993, que fica ou pelo menos ficava na entrada, quando eu passava mal, me colocavam sentada nesse local, pra tomar um ar e ver se melhorava, com os pulsos encharcados de álcool.

“Primeira casa” é onde eu vivi até os meus 19 anos. No terreno que era dos meus avós paternos. Hoje o local pertence aos herdeiros, e onde era a casa hoje é uma garagem de um local totalmente demolido.

“Pente vermelho e Contos de vó” são duas das muitas memórias da minha avó paterna. Pente vermelho, é uma imagem dela costurando no seu quarto com um pente vermelho na cabeça, ela quase sempre esquecia ele na cabeça, eu vivia no quarto dela vendo ela trabalhar e algumas vezes ajudava a pintar panos de prato, fazendo transferências de desenho pra ela. Contos de vó, vem de lembranças dela contando suas histórias da roça (Peçanha - MG) debruçada numa pequena parede. Meus primos e eu ficávamos rindo das histórias, quase nunca acreditadas pelo exagero dos “causos”.

Esse é um trabalho que pretendo dar continuidade também. Mas como é um processo demorado de recuperação de memórias, eu espero calmamente e respeitosamente o meu processo.



Bruna Lobo
Memórias | Entrada
2021
Xilogravura
7 x 7cm



Bruna Lobo
Memórias | Casa da vó Rita
2021
Xilogravura
7x7cm



Bruna Lobo
Memórias | Pé de romã
2021
Xilogravura
7x7cm



Bruna Lobo
Memórias | Capela
2021
Xilogravura
7x7cm



Bruna Lobo
Memórias | Primeira casa
2021
Xilogravura
7x7cm



Bruna Lobo
Memórias | Pente vermelho
2021
Xilogravura
7x7cm



Bruna Lobo
Memórias | Contos de vó
2021
Xilogravura
7x7cm

Referências bibliográficas

<https://livrozilla.com/doc/293739/pdf-educativo---rosana-paulino>
27/09/23 11:59

<https://br.pinterest.com/pin/696158054916504936/>
27/09/23 10:28

[https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/
construcao-do-territorio/capitanias-hereditarias.html](https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/construcao-do-territorio/capitanias-hereditarias.html)
27/09/23 10:43

Podcast: Projeto Querino - Thiago Rogero e Rádio Novelo

https://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf
29/09/23 18:44

[https://cultura.madeira.gov.pt/sabias-que-1/646-carte-de-visite-%E2%80%93-
um-modismo-de-meados-do-s%C3%A9c-xix.html](https://cultura.madeira.gov.pt/sabias-que-1/646-carte-de-visite-%E2%80%93-um-modismo-de-meados-do-s%C3%A9c-xix.html)
03/10/23 20:44

<https://ims.com.br/titular-colecao/alberto-henschel/>
03/10/23 21:00

<https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5398-estante>
06/10/23 14:57

[https://statics-americanas.b2w.io/produtos/114017661/documen-
tos/114017661_1.pdf](https://statics-americanas.b2w.io/produtos/114017661/documentos/114017661_1.pdf)
06/10/23 15:10

https://www.youtube.com/watch?v=HdCk6zAoX_s
22/11/23 15:29

<https://ims.com.br/titular-colecao/alberto-henschel/>
22/11/23 15:50

Livro Holocausto Brasileiro - Daniela Arbex

Considerações finais

Toda essa trajetória de pesquisas, teóricas e práticas, suas plasticidades me fazem entender que é essencial valorizar e preservar as histórias que carregamos dentro de nós. Cada experiência, seja ela de dor, tristeza, alegria ou realização, contribui para moldar quem somos e nos impulsiona em direção ao futuro. Não devemos deixar que essas memórias se percam no tempo, pois são elas que nos conectam com o nosso passado e nos guiam para um futuro mais significativo.

Ao reconhecer a importância dessas histórias, estamos construindo uma base sólida para as gerações futuras, permitindo que elas compreendam e se inspirem nas jornadas que trilhamos. Portanto, concretize suas memórias, compartilhe suas histórias e dos seus, repassem os contos, as culturas, registrem, para que erros não se repitam, para que exemplos mais humanitários e de afeto se espalhem.

E que a arte seja esse grande elo que nos aproxima do mundo, tornando-o imagem, tornando-o visível.

